

A ILLUSTRACÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

CHRONICA

O ANTONIO MARIA

Acaba de desaparecer da imprensa portuguesa — estrangulada por uma resolução irreconciliável d'artista — um jornal que era unido em seu gênero só a entre folhas portuguesas, mas também entre folhas francesas e inglesas onde a caricatura nunca chegou a tomar o aspecto que ella tinha nas margens do Tejo, sob o lápis originalíssimo de Raphael Bordalo.

Não é um elogio fundeiro o que eu preciso fazer aqui ao semanário que todas as quintas feiras era folheado com tanta curiosidade pelo Chiado. E uma simples mas sincera opinião d'homem que joga conhacer um pouco d'assumptos d'imprensa, — e que, longe do meio onde as discussões se agitam e as inimizades se levantam por uma simples frase de critica mais exacta, pode dizer desassombroadamente o que pensa d'este jornal que elle acompanhou, sempre entre bastidores, ao lado do seu caricaturista que elle temia honra de contar no numero dos seus bons e dedicados amigos.

Entre os grandes jornais de caricaturas como a *Caricature*, o *Charivari*, o falecido *Monte Parisien* e o falecido *Tribolet*, o *Journal amusant*, o *Punch* e o *Vanity Fair*, Antonio Maria tinha um lugar verdadeiramente aparte, uma physionomia especial, sua, *indigena*, porque o artista que o ilustrava nunca podia dominar o seu meio, e apesar da exterioridade revolucionária e irreverente do seu lápis, o seu lápis era muitas vezes dominado por acontecimentos que elle devia ter antes o cuidado de empucar para fôra de sua pedra *lythographica*...

Em França os caricaturistas actuais — que são raros — passam o tempão a fazer a história comica do acontecimento parisino; e Robida tanto historiava com o lapis uma sessão importante do parlamento, como uma cena de praias, como uma cena de bailes, como um aspecto do Bosque, como a descoberta da direcção dos balões, como as modas, os theatro, a litteratura, o sport, o boulevard. Para elle não há um assumpto só — há muitos assumptos a tratar, porque o publico não se compõe apenas de homens politicos, mas também de elegantes, de homens de scienzia, de actores, de literatos, etc.

Quando se chega à caricatura mais exclusivamente poliglota as de Dramer no *Charivari*, não se desenham o homem, mas um tipo convencional vestido com a farda nôstra.

ao se desenham **personalmente** os deputados, mas um **Convenional**, ou uma figura **symbolico** representando **livelyemente** a **Camara**. O caricaturista ganha muito mais **trumperio** o publico com **picadas** d'afinete, do que **fazem** os **assassins** a **aplicação** de cem chibatadas de **satyras** sobre os **lombos ensanguentados** da **victima**.

E quando se chega à extremidade da caricatura propriamente pessoal como a fazia este *pobre* doido d'André Gill, essa caricatura nunca foi o volente *pontapé* do Lapis applicador sobre o indivíduo em cena. — *Mas* sim uma crítica tendo um grande ar de humorismo e troça literaria, que podia ser facilmente traduzida por mais duzia de phrases alegres de Mephisto Karr ou por meia dozia de phrases ciasmáticas de Henri Rochefort — o mais espirituoso dos caricaturistas. Outrem temos a caricatura de Marx, que nos momentos em que ele trabalha nestas deliciosas páginas que a *Illustration* tem já publicado — espeito pelo *JORNAL* ilustrado os perniciosos desordens de senadores nos suas *imundas* casinhas, suas desordens. O sr. Clemenceau em

chinellas, cui o sr. Feito, caçando uns suíssas de crinhas da cale.

Havia aíntia lu bem pouco tempo o *Tríboulo*, e algumas vezes Blaas atreveusse a páginas de caricatura pessoal que tiveram como resultado o sequestro do folheto, a prisão do editor e dez mil ou vinte mil francos de multa. Porque o *Tríboulo*, jornal monárquico, admiravelmente desenhado, passava o tempo a mostrá-lo ao povo quadros onde apenas se viam as origens da República nas salas do Klyssu — origens de que afinal de contas só o *Tríboulo*

phantasmagórica existência, porque toda a gente sahia que o bom dr. Grévy, que se deitava regularmente das nove para as dez, não podia estar às cinco da madrugada a abrir garrafas de Champagne com bento e várias Messalinas. O público parisiense, blasfemava por essenciais nuns desgostava do genero — mas à Republique é que o genero não agradava e a Republique matou o jornal a matou e a deu de prisão!

/w/ Km Inglaterra lemos o Punch, o velho, o famoso e extraordinário Punch



A CABRA CEOA, esculpida de Bartuyl

Nas suas páginas raras vezes falha a caricatura pessoal. É mesmo notável a sua série de celebridades em grotas, — professores, lords, literatos, poetas, príncipes, que publicou em 1883 e 1884, e onde os individuos eram sempre expostos pelo seu lado mais cômico. Também nas suas grandes páginas de centro faz a caricatura pessoal da política inglesa — mas com a mesma gravidade de ironia com que Tackney desenhou os *snobs*. As vezes, para ser mais mordente, sobre até certos exageros que témoram em literatura as páginas cruéis de Swift. Mas quando o *Punch* quer ser terrível, esmagador, escandaloso mesmo — tem a maliciosa fôrça de atacar os grandes políticos europeus... os que habitam para além da Mancha são caricaturados — como o foi Mac-Mahon e como o é regularmente Bismarck — pode mandar proibir a circulação do *Pun* no seu país. Esta extremação ou a dum processo, só servem para provocar novas tiragens do jornal, cujo número se passa a vender por dezenas de mil exemplares.

E o *Vanity fair* emprega o seu tempo a dar simples chômôs-caricaturas (como os do *Album das Glórias*) dos tipos celebres de momento, acompanhados dum texto finamente escrito, onde se passam em revista os acontecimentos da semana, e que é imensamente apreciado em Londres.

~~~ Já vêem por esta simples exposição que o *Antonio Maria* não podia ser se não português. O gênero seria inadmissível em Londres por ser irreverente em extremo; e infructuoso e perigoso em Paris por apenas tocar uma corda — a da política.

Só em Portugal, n'aquele estado de permanente guerra política, é que elle podia viver; e afirmo-o com uma certa tristeza, por ver como o illustre artista se deixou subjuguar pelo seu meio, por ver como a Política n'estes ultimos vinte annos tem feito da impressa diária um simples patamar onde por questões puramente políticas, se vem dizer as ultimas offensas pesadas aos homens que estão no poder.

Em França, Cassagnac é um inimigo terrível dos republicanos, mas quando se cruza nos corredores com um quasi socialista como Clovis-Hugues, os dois saudam-se comodíos perfeitos, carinhosos que são. Ainda, ha bem pouco tempo Rochefort no *Intransigeant* atacava fortemente um general do partido de Ferry, por actos políticos que o jornalista considerava absurdos. Se Rochefort fosse um homem desacreditado, um general de França limitava-se a chamar o jornal, difamador aos tribunais. Mas Rochefort é um homem de bem: os dois cruzam ferro no campo. O general fica ferido; e depois de terminado o combate, mundo pergunta por um testemunha e Rochefort se este lhe quer apontar a mão. Rochefort corre para elle, abraçado e exclama:

— Bati-me com o político... mas pelo general e pelo homem estou pronto a dar a vida!

Em Portugal, não circulam os chefes dos partidos, mais diplomatas sem dúvida, mas os filhos dos chefes entre si, por uma ignorância crassa que lhes não permite distinguir o *individuo* do *cidadão*. O simples factô de seres progressistas é o bastante para que o *regenerador* te visinho te tenha por um patife!

Isto passa-se entre os grupos monárquicos que mais probabilidade tem de dançar a contradança do poder. Mas quando se trata de grupos com lidas dominâncias opostas, quando se fala de *miguelistas*, *liberais*, *republicanos* ou *socialistas* — os sentidos saem melhor do que eu o que dizem uns dos outros, como se animam, oh! como se animam! e como se respeitam!

D'aquí, esta política pessoal, esta política de represalias e de inimizades, que não reina só nas cortes e suas dependências, mas que tem descido de São Bento para se estender pelo jornalismo, pela literatura e até pela arte! Ter uma ideia diferente, um ponto de vista oposto ao do meu vizinho do 2.º andar, é ter na vida social um bandido e um indigno.

Já não é o *progressista* ou o *republicano* para o *regenerador* um tipo duvidoso, com quem devemos pôr-nos mal, cortar relações. É já para o crítico artístico que só admira Charles Blanc, um patife o que só admira Proudhon; para o que admira Ingres, é um imbecil o que só admira Courbet. Para um *romântico*, o seu maior prazer não consistiria em escrever um livro que posseasse para o lado o *realista* e lhe fizesse perder todo o sucesso; mas pegar no *realista* e modelá-lo à paulada n'um recanto sombrio e deserto...

E d'aqui vem a continua série de inimizades e de ciúmes que dividem todos quantos estão em público por uma qualquer manifestação do espírito; o desejo que cada qual tem de sahir de sua casa de bengala em punho e vir desançando por esse *Chiado* abaixo e por essa *Baixa* fôra: este porque é correligionário do sr. Fonseca, aquelle porque é do sr. Magalhães Lima; este porque só gosta do sr. Latino, aquelle porque só aplaude o sr. Ramalho Ortigão; este porque só tem olhos languidos para o sr. Thomaz Ribeiro, aquelle porque cria cabellos brancos à espera dos romances do sr. Eça de Queiroz!

E chega-se ao extremo pitoresco e unico de se assistir todos os annos a scenas de pugilato em *S. Carlos*, porque ha sujetos que só vivem da recordação do sr. Fancelli e outros que só choram a ausencia do sr. Gayarre. Na plateia não só se aplaudem ou se pateiam os artistas, mas os espectadores de gostos contrários dão-se gencrosamente murros pelos corredores. E ha em Lisboa famílias que cinco séculos de parentesco ligavam n'uma amizade prospera e invejável — que hoje se odeiam e se não podem ver porque esteve ha annos em Lisboa o famoso sr. Reduzzi...

~~~ N'uma sociedade assim constituída o *Antonio Maria* não podia deixar de ser o que todos nós sabemos que elle foi — o jornal mais marxílico que Portugal viu crescer n'estes ultimos cinco annos. E os partidos que eram oposição esparramavam incômodos pelas quintas-feiras, para ver como os ministros eram crucificados pelo lapis do caricaturista.

Simplesmente com o *Antonio Maria* dava-se um caso curioso. Hoje os *progressistas* aplaudiam-no às mãos ambas — porque era o sr. Fonseca que estava no poder. No dia imediato ia para lá o sr. Braamcamp, e os *progressistas* peciam a força para Raphael Bordallo! Quasi se pode dizer que havia na administração do jornal dois grandes turnos d'assignantes — *regeneradores* quando os *progressistas* estavam em cima; e *progressistas* quando em cima estavam os *regeneradores*!

~~~ Se não fosse esta fatalidade da política que em Portugal pesa sobre tudo, o *Antonio Maria* não teria chegado ao extremo de ser um jornal também partidário como ultimamente era, com as suas sympathias e antipathias — e teria conservado sempre inalteravel a sua felção de revista crítica, sem tendências por nenhum partido, causticando o ridículo viésse elle de cima ou de baixo, da direita ou da esquerda, com esta desenvoltura de lapis que faz de Raphael um dos mais originais caricaturistas dos nossos tempos.

Devia ter sido sempre esta a sua fôrça. Devia

estar sempre na plateia a observar o que se passava todos os dias sobre a cena. Mas um dia o caricaturista, n'um momento de irreflexão política, lembrou-se de preparar para o palco, e a partir de então nunca mais deixou de fazer parte do espetáculo. Fôrta atraído para sempre... Se outro caricaturista houvesse em Lisboa, com certeza que teria um enorme sucesso se soubesse collocar no mesmo plano Bordallo no lado do sr. Fonseca — aquele fazendo concorrência a este, disputando-lhe quasi o poder...

~~~ Se outro caricaturista houvesse!

Infelizmente para o *Antonio Maria* e para o público que não houve, nem ha.

Se o *Antonio Maria* tivesse encontrado no seu caminho um jornal capaz de lhe fazer alguma sombra, como nós teríamos tido occasião de admirar verdadeiras obras-primas do gênero! Porque o público ainda não conhece totalmente a virtuosidade de Raphael, o quanto o seu lapis pode dar, o quanto a sua phantasia pode produzir! E raríssimas vezes o *Antonio Maria* chegou a atingir a correção de desenho e o delicioso acabamento que se encontram em todas as páginas que o illustre artista assignou no *Besouro* do Rio de Janeiro.

Mas o jornal sózinho, senhor do mercado, sem um concorrente, nunca pôde obter do artista os mesmos cuidados e o mesmo carinho que dispensará apenas aos primeiros numeros. E todos sabem como o jornal era feito, sempre à ultima hora. E como as páginas celebres que pareciam ser o resultado d'uma longa clacubração, lhe saíram naturalmente do lapis, pouco a pouco, alta noute, entre um copo de cognac e a palestra de dois ou trez amigos que lhe faziam companhia, quando elle fabricava o seu numero.

~~~ Foi ainda a política que fez com que o artista dessse cabo do jornal. No tempo de Guilherme d'Azevedo semelhante fato com certeza se não teria dado — porque a grande e gloriosa ironia de Guilherme chegava bem para fazer duas armaduras onde os dois estivessem abrigados de todo o consigo político!

Mas se o *Antonio Maria* morreu, outro jornal aparecerá. Bordallo Pinheiro não resistiu à tentação seis, mezes! Verão... O seu elemento é o jornal, e a sua pontinha de chauvinismo empurra-o para a luta, e só o deixa satisfeito quando um lapis se gastou e se tucheram oito páginas.

Mas se tem a resolução tomada de nunca mais ser caricaturista, então temos o direito de gritar contra o tentado, porque um artista é propriedade exclusiva do público, e só tem direito de abandonar a sua carreira quando o público, em vez de aplausos, o recebe com assobios.

Ora Bordallo é dos raros que só tem visto desfolharem-lhe rosas sobre a estrada. Com que direito então elle desceria, quando nós, que nada temos que ver com a política, só temos orgulho em queimar uma duzia de foguetes à sua passagem?

Vamos, meu querido artista, ao diabo a política e põe o teu lapis ao homem — para nós todos te apresentarmos penas!...

MARIANO PINA.



## PRELUDIO

*La Nymphe poëte,  
Aux cheveux d'ambroisie,  
Avec un voile ambul  
Reviens d'exil.*

BASVILLE.

*Resplandecentes crianças,  
Rimas dispersas em danças,  
Volteando suaves,  
Como aves;*

*Sonhos que a myrrha perfuma,  
Chineras brancas de espuma,  
De mil rubis de alvoradas  
Crôadas;*

*Wils de neve, árvores níveis,  
Turquezas, rosas oníricas,  
Granadas, beryllos, pratiros,  
Topazios;*

*Bando de fadas errantes,  
Clusmas de archanjos brilhantes,  
Sombras de ignotas Illyrias,  
Wallyrias;*

*Voltas nas aças do idyllio!  
Ravage as nuvens do exílio,  
Abri as aças cheiroosas  
De rosas!*

*Dos verdes bosques sombrios,  
Dos claros, límpidos rios  
Trazei, sagradas redomas,  
Saramas!*

*E os sons das lubrícias festas  
Que vão trovando as florestas,  
Onde entre a luz vêm-se, em bando,  
Cantando,*

*Nayades, mythos, assombros,  
Nymphas de esplendidos homens,  
Molhando d'água nos veios  
Os seios!*

*Corda por corda de flores,  
Nota por nota de amores,  
A lyra que morta cae-me  
Banha-me!*

*Chégas das longas Eurotas,  
O cysnes, ibis, gaivotas,  
— Alados lyrios de pluma  
De espuma!*

*Chégas-vos, nuvens rosadas,  
Nuvens de seda espalhadas  
Na luz vibrante e sonora  
Da aurora!*

*Chégas-vos, anjos dispersos,  
O anjos que encheis meus versos,  
Poesia, sombras cheiroosas  
De rosas!*

ALBERTO D'OLIVEIRA.



remidas na fonte permanente do livro, a harmonia, a perfeição, o esmero, o acabamento das obras definitivas e longamente meditadas.

Leiam por exemplo estas linhas desengastadas no acaso:

*Quando Paulo de Saint-Victor escreveu na Presse a apreciação dos Operários do Mar de Victor-Hugo, este dirigiu-lhe de Guernesey uma carta de agradecimento, em que havia a seguinte frase: « Sente-se desejo de fazer um livro só para obrigar a escrever uma página. »*

Os últimos dias da quinzena trouxeram-nos um novo livro de Paulo de Saint-Victor e precisamente intitulado *Victor-Hugo*. É a coleção de todos os trabalhos de crítica que o malogrado autor dos *Homens e Deuses* consagrara às produções do Mestre durante quasi todo o exílio d'este último, isto é, quando escrever de Victor-Hugo era um acto de coragem e de independência.

Posto que a reunião d'estes estudos não obedece a um plano concebido de antemão, e cuja unidade que preside às outras obras de Paulo de Saint-Victor, ella deve ser considerada como o remate d'esse maravilhoso monumento artístico que sob o título *As duas máscaras* o grande escritor elevou à glória do gênio dramático de todos os povos e de todos os tempos. Partindo de Eschylo, passando por Sophocles, Eurípedes, Aristófanes, Shakespeare, Corneille, Racine, Molière e Beaumarchais, esta explendida epopeia em prosa ficaria incompleta se o seu último canto não fosse consagrado ao homem

*par qui ce siècle finit.*

O estilo de Paulo de Saint-Victor não se distingue a um perfeição mesmo. Nunca a palavra humana cantou estrofes mais harmoniosas, melodias mais inefáveis, canticos de pureza mais divina do que sob a pena vibrante como um plectro d'este assombroso escritor. Quem ha shi que tendo na alma o culto do bello na arte, a admiração do sublime, a lembrança das horas de luta contra o demônio incoerível da Forma, não sem lido e relido com o olhar dilatado de espanto aquella sublime página com que abrem os *Homens e Deuses*, obra prima entre as obras primas da linguagem humana e que é simplesmente a mais bella cópia que se tem feito e se ha de fazer da Venus de Milo. Quando pela primeira vez, ao entrar na sala do Louvre onde a Deusa campela, a vi deslocar-se como uma flor de neve, do fundo carmezi das tapeçarias, resplandecente na sua costa semi-nudez, quando pela primeira vez pude contemplar aquelle prodigo, unico do gênio humano, aquella cabeça pequenina e esvelta, aquelle tronco elegantíssimo e flexível, aquelles homens por onde o olhar escorregia em delírio, aquelles seios onde elle se fixa extatico, e que se erguem tumidos, quasi palpitaentes de vida, taças de voluptuosidade e de êmbrigo, donde o amor trasborda espumante e inexaurível como um vinho de fogo de loucura — não senti um calafrio mais violento, um prazer mais intelectual e ao mesmo tempo mais lascivo do que ao percorrer com a febre, a aancia de spender dos vinte annos, a pagina sublime que a Venus de Milo inspirou a Paulo de Saint-Victor.

Pois bem, é este estylista incomparável, este poeta mal-harmonioso que os poetas, este prodígio formidíssimo do gênio romântico unido à inefável classe — que se traz mais resplandecente e inspirado do que nunca n'estas páginas outrora escriptas com a precipitação fatal da publicidade periodica e que tem apesar d'issó,

este novo livro, *A Lenda dos séculos*, prolonga, agudizando-a sempre, e excedendo-a por vezes a mais alta parte da obra de Victor-Hugo. Ha já quinze annos que acima das suas poesias, das suas romances, dos seus dramas, elle ergueu a Epopéia. Porque esse poema épico, cuja lacuna tão censurada era a França, essa pedra angular, ou essa torre mestra de toda a literatura nacional, que faltava a nossa, a *Lenda dos séculos* deu-lha. Poema já não circumscreto como a maior parte das Epopéias modernas, no cyclo d'um tempo, no recinto de uma cidade, no campo de uma guerra, mas infinito e indelido, além e aquém da história; fazendo uma unidade da infinidade, atravessando todos os reinos, todos os barbares, todas as civilizações, todos os cultos, indo do Eden à agua furtada, da chupana ao palacio, do pagode à catedral, interpretando a realidade segundo a mitagem, vendo o fute dissipado, através do fumo que o atesta, interrogando o Echo que fala depois que a Voz se callou, contemplando os astros e sondando as turbebas; agora, larga canção de gesta mais tarda, élegia; muitas vezes como uma enfiada de baixos relevos e de frescos, algumas conciso como a inscrição de uma muralha, empregando, segundo as leis d'uma arte infallivel, a redução ou a plenitude do assumpto, unindo a narrativa ao drama, alternando o diálogo com o lyrismo, mostrando o homem sob todas as suas claridades e sob todas as suas sombras, em todas as paragens da sua jornada, em todos os actos da sua tragédia. Poder-se-ha imaginar este Poema Universal sob o aspecto de uma especie de Arca imensa, por onde de todas as espécies e de todos os tipos, que recolhe passageiros novos a cada voltar de horizonte e que atravez das bonanças e das tempestades, os naufragios e as invernações, os eclipses e os arco-iris, voa magestosamente sobre o mar dos séculos para a Terra prometida do Futuro!

Por toda a parte a mesma grandeza, a mesma largura de inspiração, a mesma magnificencia de linguagem. Ao passar pelo espirito de Paulo de Saint-Victor, as ideias mais simples e mais singelas irrisavam-se de pedras preciosas e de faiscas d'ouro, como esses pequenos famos que, mergulhados nas aguas de Sainte-Allyre, se cobrem de pequenos e scintillantes chrisnaes.

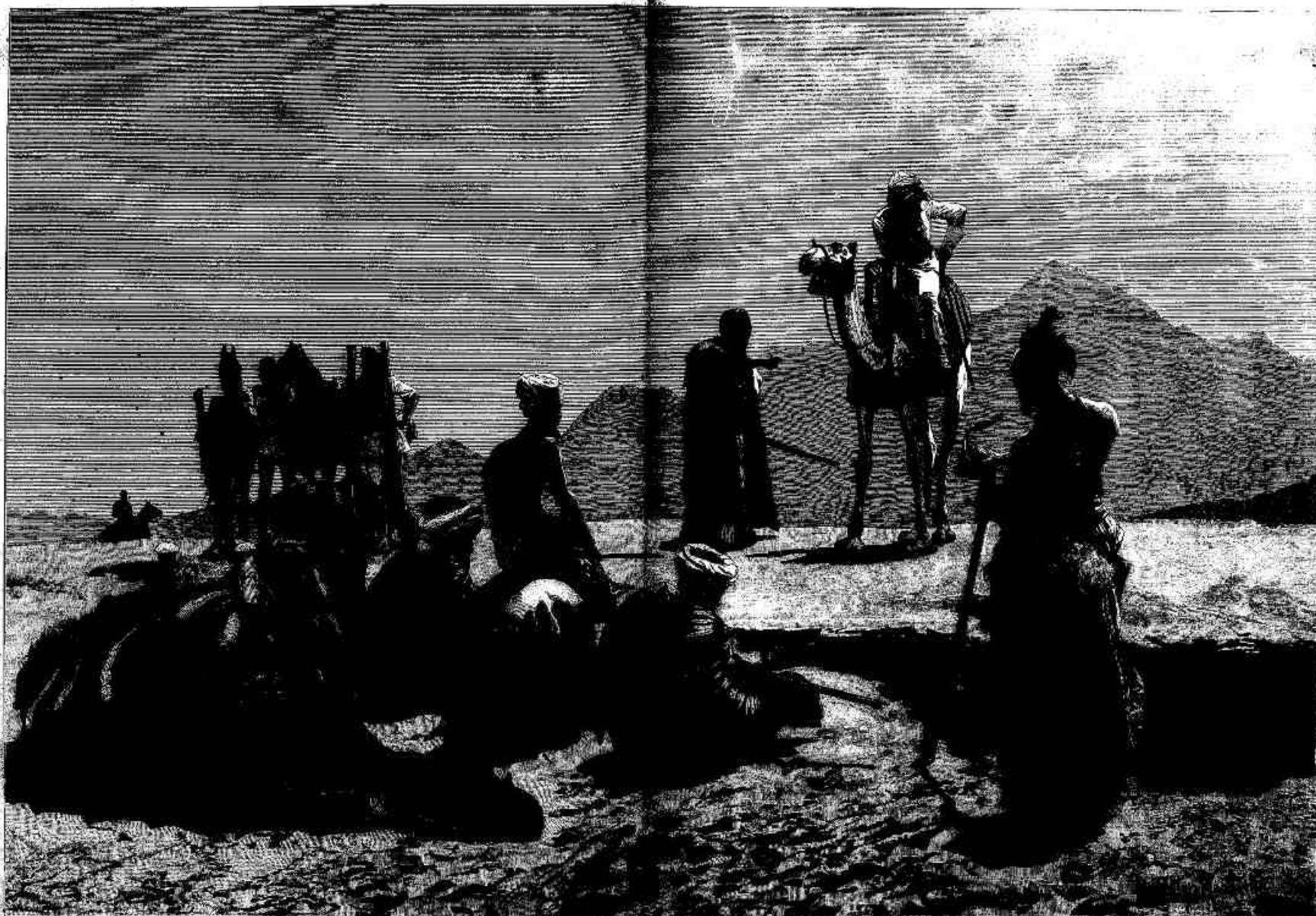
\*\*

O pintor João Gigoux acaba de publicar um interessantíssimo volume sobre o título: *Causeries sur les artistes de mon temps*. O título é bem achado, por que todo o livro tem o ar despretencioso e um pouco descorrido d'um cavaco entre amigos, na hora psychologica do cognac e dos charutos. É uma enfiada de anedotas sobre a maior parte das personalidades artísticas d'este século, Dupré, Gavarni, Corot, Delacroix, Vernet, o conde d'Orsay, o inextinguível e scintillante Préalut, Troyon e cincuenta outros mais, surgem n'aquelas páginas, não na atitude classicas e envoltos nas roupagens harmoniosas em que a gloria os esculpiu, mas em robe de chambre, em mangas de camisa, alguns até em ainda mais simples apparelho. Só o ponto de vista literario, ha poucos que dizer. O author de *Leonardo de Vinci* e do retrato de Fourier contenta-se com escrever as coisas chitamente, num estilo um tanto pallido, mas que se lhe com agrado. Vê-se que se não tem, como o extraordinario colorista dos *Mestres d'outre-mer*, um joli brin de plume azul pincelado, possuir um conhecimento muito suficiente das regras de syntax, o que é realmente o maximo que se pode exigir d'um pintor e sobretudo d'um excellente pintor, quando se põe um tanto criterio de julgamento na critica sem se obnega a delectação de um belo tableau.

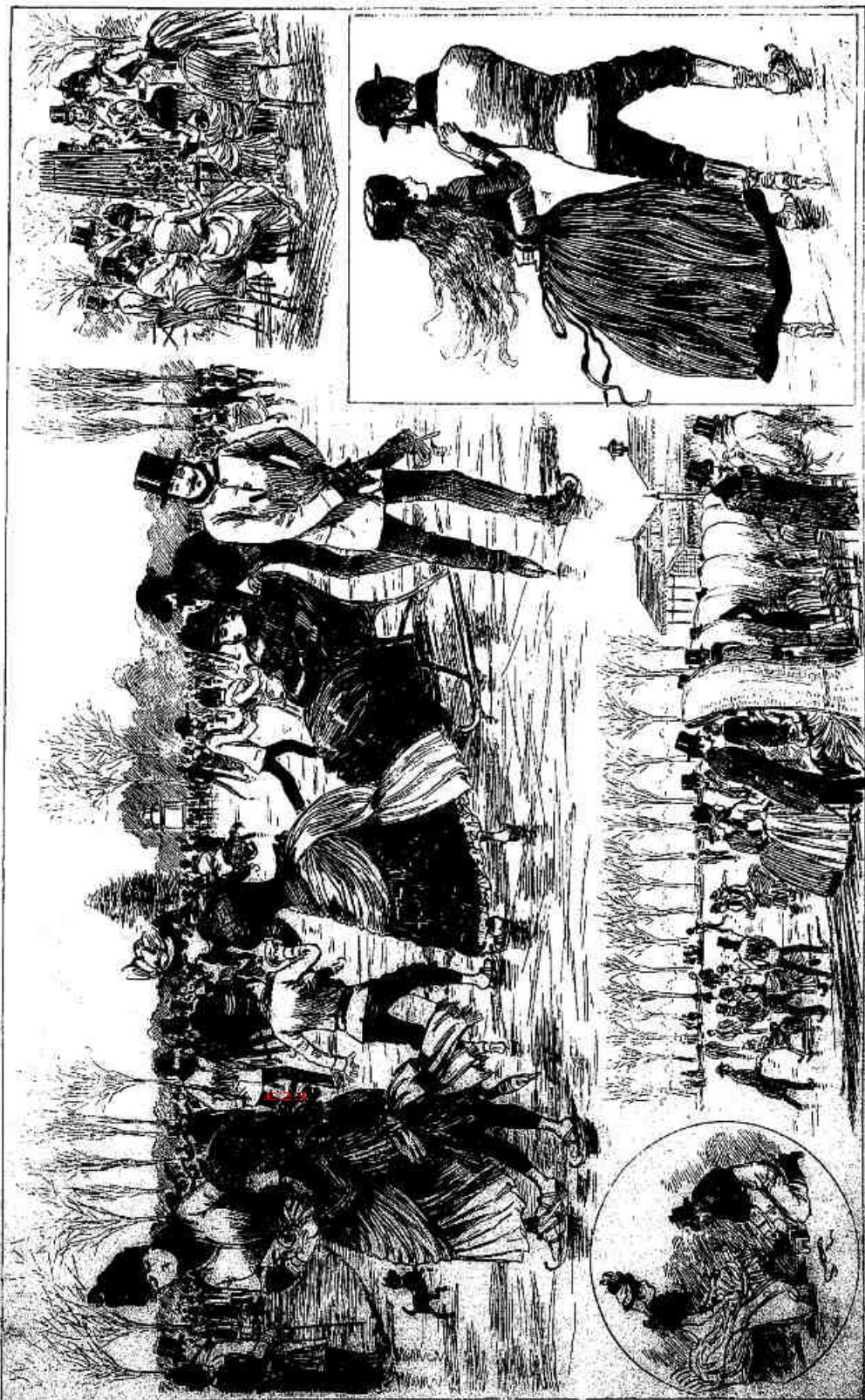


PORUGAL — ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR, ex-ministro das Obras públicas.





OS INGLEZES NO EGIPTO — Um reconhecimento



PARIS PINTORESCO. — O Clube dos patinadores no horizonte de Bolonha. — Desenho de Maris.

São todas estas escenas tão pittorescas e tão imprevisíveis para os nossos leitores do Portugal e do Brasil que nos seus respetivos países não podem pôr-se semelhantes fantasias — que o nosso brilhante colaborador Mars traduziu com aquela elegância e aquelle sibírito que só elle sabe encontrar nos bicos d'uma pena. E sempre com verdadeira satisfação que nós dispomos d'uma página do nosso jornal para um novo trabalho do ilustre desenhador de todas as elegâncias de Paris — porque é sempre com verdadeiro interesse que os nossos leitores procuram o seu nome em cada numero que chega da ILLUSTRAÇÃO.

O grande acontecimento do inverno parisiense de 84-85 é interpretado por Mars d'um modo verdadeiramente notável. As attitudes dos patinadores sobre o gelo; as corridas dos trens; as festas dos que ainda não estão habituados a este divertimento; a fila das cadeiras de verga, com costas, como se usam no campo e nas praias, para as senhoras que são simples espectadoras; as reuniões em volta dos braseiros — tudo é anotado por um espírito finíssimo, próprio d'um filo de boulevard, onde tem uma reputação merecida de brilhante desenhador.



## OS SURDOS E A LEITURA DOS MOVIMENTOS DOS LABIOS

**H**A poucas enfermidades tão comuns como a surdez, e há poucas que tenham uma ação mais directa e mais imediata sobre todas as relações da existência. Há muito que se procura remédio por meio de aparelhos que são por assim dizer ouvidos artificiais. M. Dubranle, professor na instituição dos surdos-mudos de Paris, classifica estes aparelhos em duas categorias: pertencem à primeira aquelas cujo fim é apenas recolher as ondas sonoras, reforçá-las e transmiti-las imediatamente ao ouvido, como são as cornetas e os tubos acústicos, os tubos dilatantes, as diferentes variedades de ouvidos artificiais de metal cauchouchou ou seda solidificada e enfim diversas cornetas que pelas suas pequenas dimensões facilmente se dissimulam. Pertencem ao segundo grupo aquelas que, graças às relações dos dentes da cabeça com o órgão auditivo, elevam as ondas sonoras até o nervo acústico por intermédio dos dentes e da região temporal: tales são o audiphone, o dentaphone e a bengala acústica de Paladino.

Pouco diremos sobre as cornetas acústicas que são em número considerável e de formas muito variadas. O inconveniente comum a todas elas é o seguinte:

Os nervos auditivos sobreexcitados um momento pelo som, reajustado, vão se habituando a elle e no fim de algum tempo, o ouvido é achado transportado ao mesmo grau de insensibilidade. As cornetas produzindo a fadiga apressam a parálisia final, que é sóbretudo para temer.

Os tubos acústicos são muito mais recentes; os melhores são os de Dubrillier e de Rein; este último foi construído conforme as indicações de M. Ladeire de Lacharrière, é um canudo elástico terminado de um lado por um tubo que se introduz no ouvido, e do outro por um fio que recolhe os sons. Entre os instrumentos cujo fim é de atenuar a surdez lambravemos o microphone auricular, o leque acústico, instrumentos engenhosos de certo, mas nos quais nenhum princípio físico ou physiologico é apresentado. É mais digno de atenção o audiphone inventado por M. Rhodes, de Chicago, e fundado sobre o princípio da transmissão dos sons a um nervo

acústico ainda não completamente paralysado, por intermédio dos dentes e dos ossos da caixa craneana.

Sabe-se que os líquidos, e os sólidos mais ainda do que os líquidos, são admiráveis condutores do som. A este respeito, encontram-se em todos os tratados de physica as experiências clássicas. Os empregados do caminho de ferro aplicam algumas vezes o ouvido aos rails para serem advertidos da chegada de um trem pela vibração que se comunica rapidamente a grandes distâncias. Seguem n'isto o exemplo dado pelos solvagens de todos os países que aplicam o ouvido à terra para distinguir ruidos longínquos.

Quando se está deitado, ouvem-se mil ruidos não transmitidos pelo ar, mas sim comunicados às casas e por estes aos móveis. As pessoas doentes atingem por vezes um grau de sensibilidade tal que estes pequenos movimentos vibratórios se lhes tornam insuportáveis. Quando nos damos ao trabalho de estudar as nossas próprias sensações, descobrimos sem dificuldade que uma série de pequenos ruidos chegam até nós por assim dizer subjetivamente, trazidos por um movimento que não atravessa o tímpano; de ordinário os sons exteriores não nos permitem distinguí-los, e para bem os observar é necessário tornarmos-nos surdos artificialmente tapando os ouvidos com algodão. Ouve-se então perfeitamente distinto o tic-tac de um relógio apertado entre os dentes.

Um diapason, vibrando, aproximado do alto da cabeça, dos dentes, ou mesmo do esterno, produz a sensação de um som muito intenso.

M. Dubranle cita-nos uma outra experiência a qual foi levado quando repetiu as de Rinne e de Gellé sobre a percepção do diapason pelos ossos da cabeça, e que mostra também quanto os ossos são bons condutores do som. Consiste esta experiência em atar um diapason pelo pé a um cordel ou melhor ainda a uma corda de rebeça que se aplica ao maxilar inferior ao mesmo tempo que se introduzem as duas extremidades do cordel nos ouvidos que se tem o cuidado de tapar o melhor possível. Se fizermos vibrar o diapason excitando-o com um corpo duro e resistente, ouvem-se então um som de uma grande intensidade quasi comparável ao de um sino.

O facto da transmissão das ondas sonoras pelos ossos da cabeça era conhecido, mas nada d'ele se tinha tirado até à Invenção de Rhodes. M. Dubranle experimentou o audiphone sobre os surdos-mudos e sobre pessoas atacadas de surdez incompleta.

Observámos, diz elle, que os primeiros não apinhavam uma única palavra pronunciada em voz alta diante do audiphone. Quanto aos outros, segundo as próprias declarações d'elles, o aparelho tinha modificado apenas a sua maneira de ser.

Os resultados obtidos pelo audiphone estão longe de satisfazer o que d'ele se esperava. Numerosas experiências tem demonstrado que só um pequeno número de pessoas conseguem produzir um aumento do ouvido, e o seu efeito fica muito aquém d'aquele que se obtém com o tubo acústico.

Para terminar quanto ao que diz respeito aos meios-paliativos fornecidos pela prótesis auricular, seja-nos permitido lembrar aqui a opinião de M. Bonnafont, que era também a de Itard:

Os surdos que tiram algumas vantagens dos instrumentos acústicos, pertencem todos a uma idade avançada, ao passo que os novos raras vezes se servem d'elles, dado o mesmo estado de surdez. Quanto aos surdos-mudos que não são completamente surdos, não há exemplo que um só tenha achado a mínima utilidade n'estes gênero de instrumentos.

Compenetrado da insuficiencia dos aparelhos inventados para atenuar os efeitos da surdez, instrumentos que alén d'issò se tornam inaplicáveis em muitas moléstias do ouvido. M. Dubranle mudou de rumo e propôs-se agora suprimir o ouvido pela leitura dos movimentos dos labios.

A ideia fundamental é a mesma que serve de base à arte de ensinar a lógica falada aos surdos-mudos, é muito antiga; mas sem ir mais longe, podemos citar o *curso elementar de educação dos surdos-mudos*, publicado em 1779, pelo abade Deschamps, e o tratado publicado em 1841, pelo doutor

Schmelz, em Leipzig, sob o título: *A arte de compreender pelas olhos as palavras faladas, como meio de suprir tanto quanto possível o ouvido das pessoas surdas ou que o tem dura.*

Ha duas coisas na palavra, o que seouve e o que se vê. Muitos autores tem falado de surdos-mudos que tinham aprendido a ler nos labios; de resto, basta visitar os estabelecimentos de surdos-mudos; ter-se-ha a prova de que todos os surdos-mudos, sem exceção, podem aprender a exprimir-se e a compreender a palavra pelos movimentos dos labios. É claro que a dificuldade é muito menor para os que só por acidente são surdos; os primeiros tem tudo a aprender, os segundos não tem senão a recordar.

Sem dúvida, não é fácil ler na boca do outrem uma palavra cujo som nos não chega ao ouvido, como também não é fácil concentrar a atenção nos movimentos dos labios, da língua e da face ao mesmo tempo; entretanto pode conseguir-se e fazer assim com que os olhos preencham as funções dos ouvidos.

Pode-se, por um longo habito, crear uma nova facultade: a ausência dá aos outros uma agudeza, uma delicadeza excepcional; os cegos adquirem um tacto mais fino e os surdos um olhar mais penetrante: os olhos n'estes estão sempre atentos; o surdo que sabe falar, que conhece a contextura das frases e a composição das palavras encontra uma grande facilidade em ler nos labios; obtem-se com este, resultados mais completos e mais promptos do que com o surdo-mudo.

De resto, eis ali em que condições a nova educação dos surdos — visto que é uma educação completa — deve ser feita: citamos textualmente M. Dubranle:

Para conseguir que o surdo leia bem a palavra nos labios, é indispensável:

1.º Que o interlocutor se coloque em frente d'elle a uma distância que varia de vinte centímetros a um metro;

2.º Que conserve a cara à altura da cara do surdo, iluminado por uma luz temperada;

3.º Que articule com nitidez e naturalidade;

4.º Que empregue um grau de voz correspondente àquele que se emprega na conversação ordinária, afim de evitar a fadiga e de permitir que os órgãos tomem a posição mais natural;

5.º Abster-se-ha de todos os movimentos exagerados da boca, e de quasequer signos ou indicações que podem ser considerados como uma convencionalização;

6.º Procurará tanto quanto possível não fazer movimentos com a cabeça e com os braços afim de permitir que o surdo fixe toda a sua atenção nos movimentos dos labios;

7.º Guardar-se-ha de dividir a palavra, pondo um intervalo entre cada duas sílabas;

8.º Deve-se habituar o surdo à leitura labial com variações de lux, de distância e com diferentes posições da cara;

9.º Recomendar-se-lhe-ha que se exerce a ler a palavra em um grande número de bocas, por isso que a conversação é o melhor meio para o familiarizar com a leitura labial;

10.º Por último, afim de fazer progressos rápidos, dar-se-lhe-ha o conselho de se colocar diante de um espelho e de observar em si mesmo as posições e os movimentos dos seus labios, procurando reconhecer a característica de cada som.

Não podemos acompanhar aqui M. Dubranle no estudo detalhado do seu método e dos movimentos que acompanham a linguagem. E tal qual a famosa lição do professor em *Monsieur de Poucencourt*; ao princípio faz-se intervir o tacto pelo qual o surdo saluda as vibrações do organo. Ainda coloca-se contra a laringe da-lhe a conhecê-lhe que um mesmo som é sempre acompanhado pelas mesmas vibrações e facilita a leitura das articulações que tem uma grande analogia orgânica. Com tudo, a percepção tactil deve ser apenas um auxilio: momento.

O estudo do surdo deve começar pelos sons ou articulações elementares, vogais e consonantes. As vogais não apresentam dificuldade alguma e as consonantes devem ser estudadas por uma carta or-

dom, de modo a approximar umas das outras aquelas que tem afastado debaixo do ponio do visto, dos movimentos extensores a que dão logo, gradualmente reunindo-se vogais e consonantes formando syllabas cada vez mais complexas. Como se vê este methodo é inteiramente analytico, e completado pela leitura synthetica quando se trata de perfazer a educação de um surdo-mudo. A interessante brochura de M. Dubram, termina por alguns quadros de syllabus cuja composição obedece a uma ordem racional, e tenta-nos tratar brevemente a questão do syllabario n'uma obra em preparação.

Emprego dos óleos no movimento nas máquinas a vapor. — M. Ch. Marvin publicou um livro muito interessante, intitulado; *A Região dos jogos elásticos*. É a narração de um viagem à região do Cauca, tão rica em náptite e em petróleo. O país de Bakou encontra cerca de 400 poços de petróleo; dois produzem por dia mais de um milhão de litros, e uns d'elles, a Drogba, produzira outrora oito milhões. A Rússia encontra minas de um carvão excelente, tão bom combustível como o de Newcastle, segundo os últimos experimentos. E em razão da penuria dos meios de transporte o carvão do país, a pequena distância dos centros de produção. Por isso os Russos tem empregado o petróleo para as suas máquinas a vapor navios e locomotivas.

O primeiro barco a vapor aquecido com petróleo, o *Iron*, navega há dez anos, fazendo por anno seis viagens de Baloulou ao Volga, e, durante este período, os formos foram mudados apenas duas vez, e as caldeiras limpam uma só vez por anno. A marinheira mercante do mar Caspão conta mais de quarenta barcos

análogos, e o uso do petróleo é cada dia mais frequente na marinha russa.

Como o petróleo fornece mais calor do que o carvão, o seu emprego oferece grandes vantagens; além disso, não produz fumo quanto é queimado, o que o torna muito útil para os caminhões de ferro metropolitanos.

mais brilhantes e conservam admiravelmente o seu polido. Um caderno de cincuenta folhas de alumínio, de espessura ordinária, custa 1 franco e 25 centesimos; o mesmo caderno, de uma espessura suficiente para as garrafas de *Liquido*, custa 1 francos.  
1425 vale 5 francos.

**Telephonism.** — A partir do 1º de Janeiro de 1895, o público parisiense dispõe de seis guinchos telephonicos, a 30 centimetros por uma conversação de cinco minutos. Dois d'elles, literalmente tomados de assalto, são na Bolse e os outros estão instalados nas estações telegraphicas da rue des Italiens, da rue de Grenelle (ministério dos correios e telegraphos), da praça da Madeleine e do Grande-Hotel.

Tem-se feito experiências de telephonias na América, num extenso de 250 milhas (404 quilometros) e também entre Lomile e Brighton (75 quilometros) que vão ser reunidas por um telephone.

Muitas igrejas inglesas comunicam com as estações dos telephones os parochians de Brooklyn, Birmingham, Bradford, Greenwich e Glasgow que tiverem uma assignatura telephonica podem ouvir o sermão da sua casa todos os domingos.

As folhas de alumínio. — Preparam-se agora cadernos de folhas de alumínio batido como os cadernos de folhas de prata e o seu emprego na decoração está muito mais espalhado. M. Lewison propôs que se substituíssem as folhas de estanho das garrafas de Leyde, das jarras eléctricas e outros apparelhos semelhantes por folhas de alumínio de uma certa espessura. Não são mais caras, nem superiores, são

Novo modo de PELSEKWAPO porta os kains. — O monumento de Washington, que mede 151 metros de altura vai ser terminado brevemente. Será inaugurado no dia 22 de fevereiro proximo, dia do 153º aniversário da fundação de Washington. É o monumento mais alto que existe: a grande pyramide do Egypcio tem 154 metros; a Cathedral de Strasbourg 150.

Para o proteger contra o raios, estabeleceu-se uma perfeita comunicação metálica entre o vértice e o solo. A extremidade superior consiste em um cone de alumínio enorme; em baixo encontra-se uma grande massa de cobre dividida em quatro partes comunicando entre si e com as quatro colunas metálicas que sustentam a edificação. Essas colunas comunicam com o solo da escada na base do monumento, e dão uma boa condução elétrica.

Durante os trabalhos manteve-se sempre um julgamento semelhante entre o vertice provisório da comuna e o solo, para proteger os operários e o edifício contra os acidentes das trovoadas.

Verniz de ambar. — O ambar é solúvel no ácido sulfúrico e nos alcalis puros. Pode obter-se um bom verniz, aquecendo-o a uma temperatura elevada, juntando-o óleo e mechânia com um pouco de terebintina até resfriar completamente.

**EXPOSITION ST. UNIVERSITÉ 1878**  
**Médaille d'Or** **PARIS** **1878**  
**LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES** **1878**  
**Gottas Concentradas**  
**E. COUDRAY**  
**PERFUMES DA MODA PARA LENÇO**  
**Estes perfumes revivificam num pequeno volume**  
**dois muito mais duradouros e mais**  
**suaves no cheiro que todos os outros**  
**outros extractos de cheiros comuns ate agora**  
**ARTIGOS RECOMMENDADOS**  
**PERFUMARIA DE LACTEINA**  
**Recomendada pelas Cabelereiras Milaneas.**  
**AGUA DIVINIA** **dois agua de banho.**  
**OLEOCOME** **para a beleza dos cabellos.**  
**ESTUOS ANTICOS ACHAM-SE NA FABRICA**  
**PARIS 13, Rue de l'Alouette, 13 PARIS**  
**Distribuidos em todas as Perfumerias,**  
**Pharmacias, e Cosmeticas de America.**

The image shows a circular medal with a decorative border. The text on the border reads "MEDALHA & DIPLOMA de HONRA". The center of the medal contains the text "OLEO de FIGADO de BACALHAU" and "FERRUGEM & SO" on the top half, and "de CHEVRIER. Paris" on the bottom half. Below the medal is a rectangular diploma with the following text:  
"Prêmio de Mérito de 1º Classe  
Comissão de Avaliação de Produtos  
de Medicina e de Alimentação  
Exposição Universal de 1901 de Paris  
de Salgados e Conservas  
de Peixe e de Carnes"  
The text is in Portuguese and French.  
Below the diploma is a small circular seal with the text "1º PREMIO" and "PARIS 1901".

[RECOGNITICINTIK IR PEBRUPÜGÜK-  
Ensayo (mento) Diagnóstico Estomía  
Fistula, Infusión, etc.

*Al Chiaro e a Cremia  
suo felicissimo compleanno  
con il suo figlio nobile M.  
Terra M&MCUS &c.  
AMICO a far al  
mio spirito*

# AS MUSICAS DA « ILLUSTRAÇÃO »

## MARCHE DES BOHÉMIENS

WEBER

*Moderato e ben marcato.*

PIANO.

